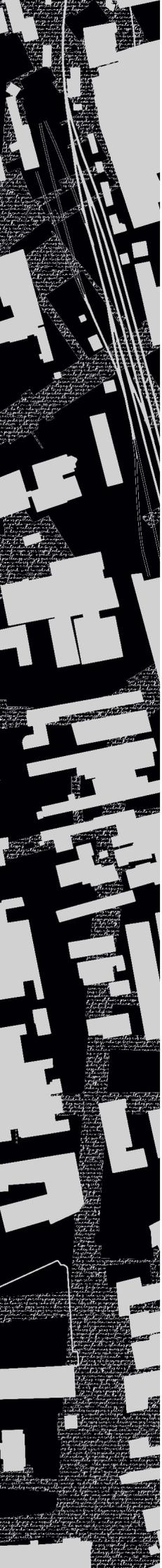


TE MÁTICA TICA





TECENDO CIDADES: A INFLUÊNCIA DOS COMPLEXOS FABRIS TÊXTEIS NA URBANIZAÇÃO ALAGOANA

Mônica Peixoto Vianna. Doutora, Prof^a
Titular I do Centro Universitário Tiradentes
(UNIT-AL), monica_vianna@yahoo.com

A HABITAÇÃO OPERÁRIA EM COM- PLEXOS FABRIS

A emergência da grande indústria trouxe consigo um forte esforço de reorganização do trabalho e principalmente do controle dos trabalhadores em certas circunstâncias de seu cotidiano. A partir da segunda metade do século XIX, difundiu-se largamente pelo Brasil a prática da criação, por empresas, de vilas operárias em cidades e de núcleos fabris em localidades rurais.

Existem duas modalidades distintas de vilas operárias: a primeira, como assentamento habitacional, patrocinado por empresas e voltado a seus funcionários – vila operária de empresa – e a habitação promovida por investidores privados e voltada ao mercado de locação – vila operária particular. Algumas vezes, essas habitações confundiam-se com o espaço urbano existente, já que possuíam as mesmas características físicas. Existiram também, casos nos quais as casas erguidas por empresas situavam-se fora das cidades, configurando um núcleo residencial isolado. Segundo Bonduki (1998), muitas empresas criaram não só vilas, mas verdadeiras cidadelas, porque se estabeleciam em locais isolados, onde inexistia mercado de trabalho ou cidades capazes de concentrar trabalhadores e oferecer o mínimo de serviços e equipamentos urbanos.

A construção de habitação operária por indústrias esteve relacionada com a necessidade de

construção de fábricas em localidades rurais, junto às fontes de energia e de matéria-prima e esteve “inserida em estratégia de disciplina da mão-de-obra, fundamentada na sedentarização, na moralização dos costumes e na difusão de novas noções de higiene” (CORREIA, 1997). Afastando-se do ambiente das grandes cidades, visto como fonte de perigos sanitários, morais e políticos, ampliou-se o controle das circunstâncias que envolviam o cotidiano operário nos assentamentos, o que possibilitou aos industriais a chance de obter um grupo de trabalhadores mais produtivos e regrados. A vida e a organização do trabalho nestes núcleos exigiram uma grande adaptação dos trabalhadores a novos hábitos domésticos e de lazer, a uma nova distribuição de atividades regidas pelo tempo linear do relógio, da disciplina da fábrica, da escola, do padre, do vigia e do médico.

Recentemente, muitas fábricas, vilas operárias e núcleos fabris erguidos nos séculos XIX e XX, foram destruídos, enquanto outros continuam existindo, sendo ampliados, e mesmo, tendo seu uso modificado. Contudo, as marcas que estes antigos espaços de trabalho deixaram nas localidades onde foram implantados, ajudam a contar a história da urbanização destes espaços.

O ALGODÃO INFLUENCIANDO A MODERNIZAÇÃO E A URBANIZA- ÇÃO ALAGOANA

Desde a última década do século XVIII, Alagoas começou a produzir fibras de algodão como matéria-prima para as grandes e crescentes indústrias têxteis inglesas, fato que proporcionou a formação de imensas plantações de algodão em variadas regiões da província. Assim, o desenvolvimento da cultura do algodão, juntamente com o surgimento de um mercado consumidor e a formação de uma burguesia comercial – local e estrangeira – no bairro de Jaraguá – motivados pela transferência da capital para Maceió, em 1839 – alavancaram o



processo que desencadeou na implantação das fábricas de fiação e/ou tecelagem no estado de Alagoas (LESSA, 2017).

De acordo com Farias (2012), esta nova dinâmica e lógica de formatação e preenchimento de um recente mercado consumidor de produtos industrializados, trouxe à então província de Alagoas o estabelecimento de sua primeira indústria têxtil, denominada "Companhia União Mercantil", em 1857, fundada por José Antônio de Mendonça, o

futuro Barão de Jaraguá, e outros sócios, na localidade de Fernão Velho, posteriormente conhecida como "Fábrika Carmen" (ver figura 01). Esta fábrica, até 1888, funcionou como única indústria têxtil na província e contava com uma vila operária com habitações e equipamentos urbanos. Paiva Filho (2013) afirma que neste momento existiam apenas nove fábricas de tecido em todo país. A União Mercantil só perdeu o posto de única indústria da província quando foi fundada a "Fábrika Cachoeira" (ver figura 02),

Figura 1- Fábrika Carmen. Fonte: disponível em: <https://www.panoramio.com/user/3192126?photo_page=527>. Acesso em: 30.05.2017



Figura 2- Fábrika Cachoeira. Fonte: disponível em: <<http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/05/rio-largo-joia-da-regiao-metropolitana.html>>. Acesso em: 30.05.2017

em 1888, e, posteriormente, a “Fábrica Progresso” (ver figura 03), cujo funcionamento data de 1893, ambas pertencentes à “Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos”, em Rio Largo (que foi a primeira cidade operária do Estado).

Durante a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, houve o estabelecimento de outras fábricas desse tipo, com suas vilas operárias, sendo duas no município de Pilar (“Pilarense” e “Fábrica de Rendas e Bordados”); uma em Penedo (“Penedense”); duas em São Miguel dos Campos (“São Miguel” e “Vera Cruz”); uma no município de Água Branca, atualmente Delmiro Gouveia (“Pedra”); uma em Piaçabuçu (“Marituba”) e outras três no município de Maceió (“Alexandria”, “Santa Margarida” e “Norte Alagoas”) totalizando, portanto, a existência de treze fábricas têxteis em todo o Estado (CASTRO, 2015).

Segundo Lindoso (2005), a maior capacidade de oferecer empregos por unidade de capital e sua localização em cidades de grande relevân-

cia econômica e política foram determinantes para que estas empresas cumprissem o papel modernizador. A indústria de fiação e tecelagem foi se consolidando e constituindo-se num espaço econômico, ideológico e político bastante particular em relação aos antigos e novos espaços da sociedade alagoana, como os espaços dos banguês, das usinas de açúcar e do sertão agropecuário. Apesar de suas singularidades, Lessa (2017) mostra que o mundo têxtil das fábricas com vilas operárias não era um elemento isolado na formação social alagoana, mas uma das formas particulares do processo de urbanização e modernização mercantil-financeira.

Após o processo de desmonte dessas fábricas, muitas das vilas operárias, construídas ainda no século XIX, tornaram-se bairros das cidades nas quais haviam sido implantadas ou mesmo, devido a sua escala e presença de equipamentos urbanos, converteram-se em novas cidades indutoras de desenvolvimento. Através de pesquisa

Figura 3- Fábrica Progresso Alagoano.
Fonte: disponível em: <<http://www.historiadealagoas.com.br/gustavo-paiva-o-comendador-dos-operarios-de-rio-largo.html>>. Acesso em: 30.05.2017.



bibliográfica e iconográfica, de levantamentos em arquivos locais e de visitas aos antigos complexos, procura-se contribuir à escassa historiografia sobre a arquitetura têxtil no Estado ao se recuperar a trajetória desses espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidenciado que o espaço têxtil foi um dos principais focos de urbanização e modernização do cotidiano e do trabalho alagoano a partir de meados do século XIX. Apesar de ser um estudo ainda em fase inicial, já se percebe a importância desse tema em termos numéricos e projetuais, mas principalmente histórico, pelo recente e contínuo processo de desmonte que esses espaços vêm sofrendo, apagando da memória dos alagoanos essas antigas paisagens fabris.

REFERÊNCIAS

- BONDUKI, Nabil G. **Origens da Habitação Operária no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.
- CASTRO, Cristine Gonçalves de. **Relações de poder no complexo fabril têxtil de Rio Largo**: identificação inter-relações socioespaciais. 2015. 211 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.
- CORREIA, Telma de Barros. Moradia e trabalho: o desmonte da cidade empresarial. In: Encontro Nacional da ANPUR, 7., 1997, Recife. **Anais...** Recife: ENANPUR, 1997.
- FARIAS, Ivo dos Santos. **Dominação e resistência operária no núcleo fabril de Fernão Velho/AL (1953-1962)**. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.
- LESSA, Golbey. **Ensaio** - Para uma História da Indústria têxtil Alagoana. A voz do povo: espaço de reflexão e debate sobre a formação social alagoana. 6 de dez. 2008. Disponível em: <<http://pcbalagoas.blogspot.com.br/2011/10/para-uma-historia-da-industria-textil.html>>. Acesso em: 5 de jan. 2017.
- LINDOSO, Dirceu. **Interpretação da Província**: estudo da cultura alagoana. Maceió: Edufal, 2005.
- PAIVA FILHO, Arnaldo. **Rio Largo**: cidade operária. Maceió: SENAI/AL, 2013.